



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DE MONTEIRO - MONTEIRO PB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - ESPANHOL**

SAMUEL DOS SANTOS BEZERRA

**TEXTO LITERÁRIO E ARTES CÊNICAS NAS AULAS DE E/LE:
UM RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA**

MONTEIRO

2023

SAMUEL DOS SANTOS BEZERRA

**TEXTO LITERÁRIO E ARTES CÊNICAS NAS AULAS DE E/LE:
UM RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto a coordenação do curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em Letras Espanhol.

Linha de pesquisa: Língua, Literatura e prática docente

Orientador: Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves

MONTEIRO

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574t Bezerra, Samuel dos Santos.

Texto literário e artes cênicas nas aulas de E/LE [manuscrito] : um relatório de experiência / Samuel dos Santos Bezerra. - 2023.

50 p

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves, Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Prática docente . 2. Língua Espanhola. 3. Texto literário . 4. Representação cênica. 5. Residência pedagógica. I. Título

21. ed. CDD 460

SAMUEL DOS SANTOS BEZERRA

**TEXTO LITERÁRIO E ARTES CÊNICAS NAS AULAS DE E/LE:
UM RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto à coordenação do curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em Letras Espanhol

Linha de pesquisa: Língua, Literatura e prática docente

Aprovada em: 07 / 03 / 2023 .

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria da Conceição Almeida Teixeira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos que estiveram comigo ao longo dessa caminhada, pelo companheirismo e amizade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, princípio e fim de todas as coisas, pelo dom da vida e pela dádiva do agora.

Ao professor Dr. Wanderlan da Silva Alves, antes de tudo, por ser o responsável por me fazer acreditar que a Literatura é algo possível, assim como também agradeço por aceitar o desafio de me orientar na produção deste trabalho.

Aos meus pais e à minha irmã, por estarem sempre comigo em todos os momentos e me apoiarem em cada um dos meus sonhos.

Às minhas professoras do fundamental I, Silvana e Ana Célia, pelos primeiros ensinamentos sem os quais não estaria agora escrevendo estes agradecimentos.

Aos meus professores do fundamental II, na então sucursal da Escola Municipal Cônego João Marques Pereira, na zona rural de Serra Branca PB, por perceberem em mim potencial e me motivarem em cada dia a lutar pelos meus sonhos, independentemente das dificuldades.

A Marcela, minha primeira professora de Língua Espanhola, por me apresentar e me fazer encantar pelo idioma.

Aos professores e colegas de turma da Escola Estadual Bartolomeu Maracajá, pela acolhida no meu último ano de ensino médio.

A cada um dos meus amigos que são a família que construí ao longo dos anos; nem sempre orientada pelos laços de sangue, mas pelas experiências vividas lado a lado, por todo afeto, reciprocidade, companheirismo e paciência comigo durante todos esses anos.

Aos meus colegas de classe, da turma de 2015.1, aos que desistiram, mas especialmente aos que continuaram: Alderí, Marcicleide, Ana Rita de quem mais me aproximei desde sempre por dividirmos nossas angústias acadêmicas e por fazerem parte da minha história.

À professora Cristiane Agnes, por me mostrar que o teatro não é um lugar de puro entretenimento, mas de (des/re)construção e autoconhecimento. Importantíssimo para a formação do ser humano.

À professora Conceição Almeida por todas as suas aulas, por todos os esclarecimentos e por animar seus alunos em meio a todo o desespero dos finais de período.

Aos demais professores do CCHE, por fazerem parte da minha trajetória acadêmica e por contribuírem na minha formação docente.

A cada uma das pessoas que me ajudaram ao longo da produção desse trabalho. Especialmente meu amigo Rui, pelas primeiras leituras e sugestões de sinônimos; Deborah, pelo empréstimo do carregador do Notebook e a Marta por me esclarecer cada uma das minhas dúvidas ao longo do processo de produção e formatação deste trabalho.

Agradeço também a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida durante estes oito anos de formação acadêmica. Aos que se foram dela, agradeço por terem deixado comigo partes de si que me fazem ser quem sou; aos que permaneceram, minha gratidão por me permitirem dividir a dádiva do agora com vocês.

Enfim, agradeço a Maria Helena, ainda que não em nossos braços, mas em nossos corações, por me permitir a experiência do aguardo e da resiliência de acordo com o que Deus prepara para cada um de nós.

“Para que os transformadores da realidade possam transformá-la, precisam conhecê-la através do estudo (...)”

(Augusto Boal)

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a importância da inserção do aluno da graduação no ambiente escolar, para sua formação como docente, ao mesmo tempo em que apresenta o relato de uma experiência bem sucedida de abordagem da modalidade oral da língua espanhola nas aulas, através de representações cênicas baseadas na leitura e interpretação de trechos de textos literários, realizada nas turmas de terceiro ano do Ensino Médio. Faz-se, ainda, uma explanação acerca do projeto em cujo âmbito as atividades foram desenvolvidas, seguida pela minha experiência como docente em formação, desde os encontros e formações iniciais, até a etapa de intervenção em sala de aula, onde pude vivenciar a experiência docente, que é tema central deste trabalho e a partir da qual pretendo que meu leitor – seja ele docente ou não – possa pensar sobre qual o papel e o potencial do texto literário na sala de aula e sua versatilidade como instrumento para as aulas de língua estrangeira de modo geral, ressaltando a expressão cênica como um dos meios através dos quais se pode desenvolver a modalidade oral da L2.

Palavras-chave: Prática Docente; Experiência; Língua Espanhola; Texto Literário; Representação Cênica

ABSTRACT

This work reflects on the importance of inserting undergraduate students into the school environment, for their training as teachers, at the same time that it presents the report of a successful experience of approaching the oral modality of the Spanish language in classes, through scenic representations based on the reading and interpretation of excerpts from literary texts, carried out in third-year high school classes. There is also an explanation about the project in which the activities were developed, followed by my experience as a teacher in training, from the initial meetings and training, to the intervention stage in the classroom, where I was able to live the experience teacher, which is the central theme of this work and from which I intend that my reader – whether he is a teacher or not – can think about the role and potential of the literary text in the classroom and its versatility as a tool for language classes foreign in general, emphasizing the scenic expression as one of the means through which the oral modality of the L2 can be developed.

Keywords: Teaching Practice; Experience; Spanish Language; Literary Text; Scenic Representation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. VENI, VIDI... VICI?	11
3. O TEXTO LITERÁRIO, AS CENAS E UMA SÍNTESE DO QUE FIZ	20
2.1 O LUGAR DO TEXTO LITERÁRIO	22
2.2 AS ARTES CÊNICAS	24
2.3 O QUE EFETIVAMENTE FIZ	26
4. A LITERATURA E AS ARTES CÊNICAS	28
5. POSSÍVEIS CONCLUSÕES	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE	41

1. INTRODUÇÃO

Não é novidade para os professores de língua estrangeira que muitas das nossas turmas apresentem resistência para expressar-se utilizando a L2, e, mesmo considerando estar preparado para essa realidade, foi inegável meu espanto ao perceber o quanto os alunos no período de observação e intervenção, durante o programa da residência pedagógica, não somente resistiam, como não demonstravam interesse pela língua espanhola.

E qual não foi a surpresa ao perceber que em dado momento, a partir de uma atividade realizada em sala de aula, eles passaram a responder de maneira mais positiva as propostas e provocações ao uso da L2 na sala de aula.

Este meu relato de experiência como docente em sala de aula, se propõe a refletir sobre o espaço do texto literário nas aulas de Espanhol ao mesmo tempo em que observamos a relevância da expressão cênica para o aprendizado da modalidade oral da língua.

Desta maneira, pretendo trazer neste trabalho, reflexões feitas a partir do relato supracitado, de maneira que, ao final, possamos perceber o quanto é importante a experiência docente para a formação de futuros professores, ao mesmo tempo em que proponho uma visão sobre a literatura e a expressão cênica para o ensino do espanhol em nossas escolas.

O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, apresento meu relato de experiência como residente na escola cidadã integral José Gonçalves de Queiróz, na cidade de Sumé, PB, durante aproximadamente dois anos.

Na parte seguinte, dividida em três tópicos, introduzo de maneira mais enfática reflexões sobre o lugar do texto literário, a relevância das artes cênicas para as aulas de Espanhol, e nossa experiência positiva com as turmas de 3º Ano do Ensino Médio, onde em uma aula em que tratamos a obra *Trilogía sucia de la Habana*, do autor cubano Pedro Juan Gutierrez, tive a grata surpresa de perceber o interesse dos alunos não apenas pela obra, mas também pelo vocabulário utilizado pelo autor, a partir da qual desenvolvi a proposta que trago neste trabalho.

Em seguida, trago reflexões sobre a literatura e as artes cênicas na sala de aula como ferramentas para promoção da interação do aluno com a disciplina e com o meio que o cerca.

Por fim, apresento minha proposta de reflexão a partir das experiências citadas e das discussões realizadas ao longo do trabalho. Dessa maneira, nas possíveis conclusões, retomo o debate realizado ao longo de todo o trabalho e finalizo propondo ao leitor que ele se disponha a viver a experiência de ter em suas aulas o texto literário e as artes cênicas, como apresento aqui.

2. VENI, VIDI... VICI?

Início este trabalho, trazendo o relato da minha experiência como residente de Língua espanhola, na Escola Cidadã Integral José Gonçalves de Queirós, na cidade de Sumé, na região do Cariri paraibano ao longo de quase dois anos, entre Agosto de 2018 e Janeiro de 2020, no âmbito do programa de Residência Pedagógica promovido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que visa a contribuir para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura.

O programa conta com etapas de formação nas quais, inicialmente, o estudante de graduação é orientado e preparado para cada momento de sua execução, sendo o primeiro formativo, a respeito de como funciona o programa, suas etapas, e como agir dentro do ambiente escolar no qual será inserido; no segundo momento, de observação e introdução desse estudante no ambiente escolar, o residente deve fazer anotações a respeito das turmas, das aulas, da estrutura do prédio e da rotina escolar de uma maneira geral, para que, somente depois, num terceiro momento, ele, sob a supervisão do(a) professor(a) preceptor(a), possa intervir nas aulas atuando agora como professor.

Levando em consideração a realidade da cidade de Monteiro, onde está localizado o campus responsável pelo acompanhamento do programa, assim como a do território onde estamos inseridos, em razão da pouca quantidade de escolas que ofertavam o espanhol em suas grades curriculares, os bolsistas foram organizados e divididos em duplas, para que pudessem atuar nas escolas que se dispuseram a participar do programa, e que estavam localizadas nos municípios vizinhos de Sumé e Prata, ambos na mesma microrregião do estado.

Desse modo, a fim de facilitar o nosso deslocamento, fomos organizados e distribuídos de acordo com a nossa realidade, sendo assim alocados em escolas que estivessem localizadas nas cidades mais próximas daquelas onde residimos.

Iniciamos nossos encontros de formação no mês de agosto de 2018. Nos reuníamos em encontros semanais, depois quinzenais, para sermos orientados e direcionados a respeito de como agir e o que observar, logo em seguida, fomos apresentados às preceptoras, todas mulheres entre 28 e 49 anos, com no mínimo 3 anos de atuação na escola em que nos acompanhariam. Em seguida, agendamos

datas e organizamos como funcionariam nossas visitas às escolas, para a etapa de observação.

Dessa maneira, no dia e horário marcados estávamos todos os bolsistas presentes na escola à qual fomos designados, em sua sala de professores, para nossa primeira conversa com a professora preceptora, que nos acolheu muito bem e nos relatou como funcionava sua rotina escolar ao mesmo tempo em que já nos adiantou como eram os perfis de algumas das turmas e, logo em seguida, cada dupla observou uma aula em uma turma diferente, em silêncio, sentados preferencialmente ao fundo da sala, e tomando nota do que considerássemos relevante.

A escola dispunha de doze turmas, todas do ensino médio, divididas em A, B, C e D, sendo três turmas de cada ano do ensino médio, ou seja, tínhamos turmas de 1º ano A, B, C e D, e assim com as outras séries; o prédio contava ainda com laboratórios de informática e ciências; biblioteca; quadra de esportes; auditório; um espaço de convivência relativamente pequeno à sombra de uma árvore no pátio da escola; banheiros masculino e feminino - ambos apenas com sanitários, pia e espelho, sem chuveiro -; cantina; sala dos professores e diretoria. Cercada por muros, e com zeladores estritamente preocupados em garantir que ninguém entre ou saia sem necessidade real ou motivo aparente.

O corpo docente estava formado por professores com idades entre 28 e 59 anos e com no mínimo 4 anos atuando na escola citada, enquanto o corpo discente era formado por alunos com idades entre 13 e 19 anos, em sua maioria de classe média e vindos da zona urbana, todos ainda em processo de adaptação ao ensino integral; haja vista que as turmas que estavam no terceiro ano, eram compostas pelos alunos que compunham as turmas de primeiro ano, quando houve a migração da carga horária, para adaptação ao novo formato da escola. Porém, desde seu ingresso no ensino médio contavam com as aulas de espanhol.

Desde o primeiro encontro nas formações a respeito de como funcionaria o programa da Residência Pedagógica, imaginei qual das inúmeras realidades de sala de aula encontraria quando estivesse em campo, da mesma forma que, ao chegar na escola, ainda na fase de observação, já pensava em como tentar solucionar alguns dos problemas que identifiquei nas turmas de língua espanhola, como a sonolência, as conversas paralelas e o nítido desinteresse pelas aulas de Espanhol.

Durante o período de observação, para que todas as duplas de residentes pudessem observar as aulas em todas as turmas, nos revezamos de modo que a cada semana estávamos em uma turma diferente, fossem elas de primeiro, segundo ou terceiro ano. Desse modo, os horários de observação das aulas oscilavam bastante, desde as 9 às 16 horas em quase todos os dias da semana, exceto nos dias que por algum motivo não haveria aula, ou o horário sofria alguma alteração de acordo com a realidade e a necessidade da escola.

Ao longo de toda essa fase, percebi muitas dificuldades das turmas, especialmente no que diz respeito ao contato e ao uso da modalidade oral da língua espanhola; nos alunos o desinteresse e a timidez eram notórios, ao mesmo tempo em que o contato com algumas modalidades da língua durante as aulas era muito restrito. Tínhamos sempre muita gramática, muita teoria, muita preparação para o ENEM, mas não se notava muito gosto pela escuta, pela leitura ou por diálogos.

Era um típico cenário de ensino médio tradicional: alunos e professores cansados, somados a conteúdos e aulas muito mecanicistas, o que, embora permitisse alcançar determinados objetivos, deixava um *déficit* em outros aspectos do ensino, que também são importantes para o aprendizado de uma nova língua.

Dessa maneira, desde as minhas anotações e primeiras impressões, tanto me reconheci nos alunos, quanto me imaginava sendo o professor, nas futuras aulas em cada uma das turmas que observei. O que não tardou a acontecer, e a partir deste novo ponto de vista, pude perceber que, às vezes, pode haver falta de motivação e incentivo por parte do docente, mas que a falta de um retorno positivo por parte dos alunos afeta bastante o nosso desempenho em sala de aula.

Iniciamos a nossa etapa de intervenção no ano seguinte, em finais de março, já depois do início do ano letivo na escola. Mas, antes desse momento de intervenção, tivemos uma reunião com a professora preceptora, no mês de fevereiro, na semana anterior ao início das aulas, em que ela nos apresentou o plano de curso para aquele ano, enaltecendo a importância de preparar os alunos para as avaliações semanais e, culminantemente, para o ENEM, de modo que pensássemos em nossos planos de aula a partir desse objetivo principal.

Porém, além de tudo o que nos foi proposto, particularmente, eu estava interessado, em junto a isso, tentar solucionar algumas das dificuldades que encontrei durante o período de observação, e assim levar os alunos a interessar-se mais pela língua espanhola e seu uso.

Para tanto, desde os planos de aula pensei estratégias de como, dentro da proposta do plano de curso, poderia atingir meu objetivo de fazer que os alunos se interessassem pelo idioma, especialmente para que perdessem a timidez de usá-lo na sala de aula.

Do início ao fim da etapa de intervenção do programa, junto a minha dupla fiquei responsável por três turmas de terceiro ano, sendo que, em um primeiro momento, atuamos nas turmas A, C e D; mas por volta do segundo semestre, devido a adaptações no horário, passamos a atuar na turma B no lugar da turma C.

Nossos horários oscilavam bastante em razão de algumas questões organizacionais e estruturais da escola, seja reunião com os alunos, sejam eventos realizados pela escola, falta de gás, chuvas, etc. Mas, na maior parte do ano, tínhamos uma aula no turno da manhã, antes do almoço, que acontecia por volta do meio dia; uma depois do horário do almoço, por volta das 14 horas, e uma última aula depois do lanche da tarde, por volta das 16 horas.

Assim, passadas algumas semanas de aula, pude perceber certas características mais específicas e notáveis nas turmas. Assim identificando que algumas eram mais sonolentas, outras mais silenciosas, outras bastante digressivas. Uma outra que nos chamou bastante a atenção, a do terceiro ano D, por ter alunos mais desenvolvidos e desinibidos de uma maneira geral, porém, que ainda assim resistiam ao uso e ao contato com o espanhol.

A diferença entre as turmas era grande, a ponto de me fazer mudar completamente a abordagem dos conteúdos de acordo com cada uma delas, e mesmo assim, nada parecia surtir efeito, nada os instigava a aprender a L2. O trabalho com dinâmicas e atividades lúdicas era compreendido apenas como brincadeira, e sempre me frustrava ao revisar o conteúdo trabalhado; do mesmo modo que os métodos mais tradicionalistas entediavam a todos e surtiam o mesmo efeito.

Porém não desisti, e segui, algumas vezes sem motivação nenhuma, tentando ser o professor que tanto almejo, e assim, em dada aula, trabalhando com os alunos um conto do livro *Trilogía sucia de la Habana*, do autor cubano Pedro Juan Gutiérrez, percebi que o caráter autobiográfico da personagem, que retrata um homem obrigado a prostituir-se em meio à crise Cubana nos anos 1990, chamou a atenção dos nossos alunos, pela temática sexual, pela caracterização das personagens e dos espaços que apontam para realidades que eles conhecem mais

de perto, em função de suas interações e do que consomem nas mídias sociais, na TV etc. e que apontam para a cultura jovem do nosso país atualmente.

Vendo essa atitude positiva dos alunos a respeito da obra, não perdi tempo em negociar com eles, que sanaria suas dúvidas se eles se dispusessem a criar uma cena breve com as palavras e expressões que aprenderam e/ou absorveram a partir da leitura da obra.

Cumpri com minha parte e eles com a sua e, ao final, dado o sucesso da experiência, propus que esse momento se repetisse aos finais de nossos próximos encontros e, desse modo, por dez ou quinze minutos, ainda que apenas uma vez por semana, pude ver os alunos até então tímidos e desinteressados, arriscando-se a utilizar a Língua espanhola nas aulas.

O que não somente chamou-me a atenção como inquietou-me a pensar maneiras de melhorar esse tipo de abordagem, não somente por ter sido uma experiência bem-sucedida, como também por perceber, a cada novo olhar sobre tudo o que relatamos, o quanto ainda poderíamos ter trabalhado.

Obviamente, nem todos os alunos participaram dessas encenações, mas foi possível perceber que, ainda aqueles que quase nunca, ou nunca, tinham interagido nas aulas anteriores, sentiram-se motivados a fazê-lo, auxiliando em alguns momentos de leitura, e até mesmo sanando suas dúvidas a respeito de questões das aulas de Língua espanhola, com menos timidez e mais tranquilidade.

Acredito que ao perceber os colegas de classe, permitindo-se experimentar o contato com a língua em sua modalidade oral, os demais sentiam-se motivados a fazer a mesma coisa, ainda que não interagissem com/na mesma modalidade, mas interagem com a L2 em algum momento na sala de aula.

Desse modo, influenciado pela disciplina de Artes cênicas para o ensino de Espanhol, que estávamos cursando na universidade, incentivei os alunos, assim como éramos incentivados pela nossa professora, a expressar-se de maneira livre, porém dentro da nossa proposta de atividade.

A disciplina de artes cênicas para o ensino de E/LE se apresenta como uma disciplina eletiva na grade curricular do estudante de graduação, através da qual o aluno, ao associar e experimentar teoria e prática de algumas técnicas teatrais, apresentadas por autores como Augusto Boal, e refletir sobre elas a partir de uma ótica freiriana, pode ampliar sua visão a respeito de como atuar em suas salas de aula, dando liberdade à sua criatividade, assim como à do seu aluno, auxiliando

ambos na expressão de pensamentos e construindo e vivenciando experiências promotoras de conhecimento.

Ao perceber nos alunos, ainda que no 3º ano do ensino médio, um interesse pela temática trazida por Gutiérrez em sua obra, e como ela os impactava, notei então um cenário perfeito para, através da expressão cênica, promover-lhes uma experiência de contato e uso da modalidade oral da Língua espanhola.

E assim, ao despertar neles o gosto e interesse pela L2 em determinado aspecto, decidi continuar com a proposta nos encontros seguintes, ao mesmo tempo em que tratamos de temas gramaticais, linguísticos e culturais como o uso da linguagem coloquial nas realidades dos países hispano-falantes e do Brasil, e nesse momento assistimos aos alunos que antes resistiam, agora falando em espanhol.

Assim, tendo em vista o sucesso da proposta, e podendo estender um pouco mais o trabalho com a obra, já no final do semestre, trabalhei ao longo de quatro encontros o uso do vocabulário coloquial na L2, fazendo comparativos com a língua materna, sempre debatendo a respeito de como é corriqueira a presença de expressões e palavras de baixo calão nesse contexto cotidiano, não apenas da obra, como também dos alunos.

Dessa maneira, durante os encontros citados, debati sobre a obra, sobre o que lemos, sobre o que nos chamava atenção nas leituras e sobre como o uso coloquial de uma língua também é importante para sua construção como expressão cultural, e até mesmo como isso está inserido em todas as sociedades e culturas ao redor do mundo.

E ao final de cada encontro, dediquei em torno de 10 a 15 minutos para que os alunos produzissem diálogos curtos em espanhol, em dupla, trio, quarteto. Queria um contexto, falas e uma encenação. E, para tanto, pedia para que trouxessem suas produções para que pudesse fazer as devidas correções. Por fim, eles encenavam para a turma, sempre arrancando boas risadas de todos ao final de cada apresentação.

Reconheço, desde já, que não alcancei todos os meus objetivos, nem desenvolvi todas as possibilidades dentro dessa proposta de trabalho, visando ao desenvolvimento da modalidade oral da língua espanhola na sala de aula, como se pode perceber, por exemplo, no plano de aula disponível no anexo A.

Desde sempre tive bastante dificuldade em relação à resistência dos alunos, e como não acompanhei todo o seu processo de formação, desde seu primeiro

contato com as aulas de língua espanhola, não pude diagnosticar exatamente o motivo que os tornou tão resistentes ao idioma, mas, de uma maneira geral, posso considerar que o cansaço, o desinteresse e até, de certo modo, a desvalorização da disciplina interferiram muito nesse processo formador da L2.

Deste modo, iniciei o ano e assim os bimestres, quadrimestres e semestres sempre tentando transformar a Língua espanhola não no objeto de estudo, mas no objeto de desejo dos alunos, para que, ao interessarem-se pela língua, se sentissem provocados a utilizá-la.

Durante a maior parte do semestre, nada parecia surtir efeito. Dinâmicas, brincadeiras, insistência de minha parte, era de fato desanimador pensar os planos de aula sabendo que aplicaria muito mais dos planos reservas, do que o que propunha inicialmente. Sendo assim, os planos serviam de norte, mas o leme sempre estava nas mãos dos alunos, era a percepção de sua interação com a aula e interesse pelo assunto que me faziam seguir ou adaptar a proposta inicial para as aulas.

Porém, mesmo que ainda não fosse tudo como desejava, fiz o possível para não desanimar e seguir com as aulas, e mesmo sabendo que teria que produzir um relatório e um artigo ao final dessa etapa, não consegui perceber nenhuma experiência de fato considerável, para que o meu trabalho não tratasse de mais um levantamento de dados sob uma ótica negativa. Afinal, ninguém deseja que sua passagem por uma sala de aula seja marcada unicamente por frustrações.

Dessa forma, passado o recesso junino, tão esperado e estimado por nós do Nordeste, retomamos as aulas no mesmo cenário de antes, porém com os alunos mais cansados, afinal, já estávamos na segunda metade do ano; até que iniciei o trabalho, levando para eles trechos de obras literárias, onde pude perceber que, mesmo que não utilizassem o idioma, os alunos debatiam e interagiam com mais vontade durante as aulas.

A obra cervantina *Don Quixote de La Mancha*, embora tenha sido o “abre alas” e a partir de onde percebi o gosto dos alunos pelos debates emergentes em sala, não foi o carro chefe do meu trabalho, pois mesmo com tudo o que já citamos, não houve exatamente uma identificação dos alunos com seu enredo e contexto, talvez porque não fosse, de fato, o melhor texto para iniciar esse experimento.

Ao trabalhar trechos do romance *Cien años de soledad*, do autor colombiano Gabriel García Márquez, notei que a mescla de nomes e os jogos com o

maravilhoso propostos pelo autor em sua escrita, não surtiu efeito praticamente nenhum nas turmas e, mesmo com uma árvore genealógica para auxiliar-nos, não consegui alcançar praticamente nenhum dos objetivos propostos para a aula.

No entanto, seguindo com a proposta do plano de curso, dado o tempo que ainda teria com as turmas, tive que escolher entre *La virgen de los sicarios*, do colombiano Fernando Vallejo, e *Trilogía sucia de la Habana*, do cubano Pedro Juan Gutierrez, tendo optado pela segunda por parecer-me uma proposta adequada para ser trabalhada diante do pouco tempo que tínhamos.

Levei para a sala de aula um fragmento da obra, em que a personagem relata uma de suas experiências como garoto de programa, seguido de outro trecho em que a mesma personagem vai acertar contas com um dos milicianos do seu contexto fictício.

O objetivo, a priori, era trabalhar o contexto da crise cubana nos anos 1990, que levava a personagem a se prostituir e a viver a marginalidade para que pudesse sobreviver diante das dificuldades de tal momento histórico do país.

E qual não foi a surpresa que tive aos pedidos para que continuasse trazendo fragmentos desta obra específica, para que eles a conhecessem. Do mesmo modo, foi surpreendente perceber que eles tiravam suas dúvidas a respeito de determinadas expressões presentes no texto, uma vez que eu ainda não tinha ouvido nada além de “Buenas tardes!” por parte dos alunos.

Além disso, pude perceber que, ao retornar a assuntos mais gramaticais e voltados para o ENEM, não tive mais tanto interesse das turmas. Mesmo que trabalhasse com a possibilidade de produção de diálogos, os alunos pareciam sempre desmotivados e eu, como professor, fiquei muitas vezes a mercê disso. Do mesmo modo, a realidade escolar, na qual muitas vezes fui surpreendido por mudanças repentinas de horário, devido a diversas condições e fatores presentes no cotidiano de toda e qualquer escola, também interferiram nos meus objetivos iniciais.

Porém, é extremamente importante ressaltar que essa experiência foi valiosa e enriquecedora para a minha trajetória acadêmica e para a realidade das minhas turmas de então. Percebi que, partindo da literatura, podemos trazer para a sala de aula contextos nos quais nossos alunos consigam sentir-se mais à vontade para expressar-se de maneira natural e menos mecânica, nas aulas de E/LE, ao mesmo tempo em que isso pode motivar os professores de Língua estrangeira, a investir em

possibilidades diversas de abordagem da L2, para promover para o aluno uma melhor experiência de contato com ela.

3. O TEXTO LITERÁRIO, AS CENAS E UMA SÍNTESE DO QUE FIZ

Antônio Candido (1989, p.176) fala que a literatura é um direito humano essencial para o cidadão, uma vez que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”, e desse modo compreendemos que temos a literatura como um objeto oportuno para desenvolvermos a imaginação e, a partir disso, o pensamento crítico dos nossos alunos.

Por sua vez, Robledo (2011) afirma que a literatura, ao ser vivida como uma experiência, deixa de ser apenas um objeto de estudo e passa a ser um espaço de infinitas possibilidades, em que ela ganha vida, a partir do momento em que afeta e ao mesmo tempo, une-se emocionalmente ao leitor.

Desta maneira, vivenciei muitas experiências na sala de aula, inclusive algumas com a literatura, através de textos retirados da famosa obra cervantina *Don Quijote de la Mancha*, porém, o impacto não fora muito notório, nem a identificação e, conseqüentemente, interesse por parte dos alunos em interagir com a obra.

Porém, ao lermos um dos contos de *Trilogía sucia de la Habana*, de Pedro Juan Gutiérrez, percebi que a linguagem coloquial, e especialmente o contexto da obra, prendeu a atenção dos nossos alunos, servindo como “gatilho” para que, mesmo ao final do primeiro semestre, ainda conseguíssemos incentivar não somente a leitura integral da obra, mas também a apresentação de pequenos diálogos em sala de aula produzidos para contextos desenvolvidos a partir dessas leituras.

Essas possibilidades iam ao encontro do que afirma Robledo (2011), quando observa que:

A través de la lectura de obras de ficción [...] los niños y jóvenes desarrollan procesos de identificación con los personajes de los libros que les ayudan a conocerse mejor, a aceptarse y a confrontarse con diversas situaciones similares a las que ellos pueden estar viviendo. De igual manera facilitan la entrada al universo de lo posible, ensanchando las fronteras de la realidad y permitiendo así proyectarse y ampliar sus referentes (ROBLEDO, 2011, p. 13)

Ao perceber, nos alunos, o impacto e a reverberação da leitura de uma pequena parte de um texto literário, em que o autor incorpora à sua escrita, elementos e características da experiência de vida de sujeitos à margem (social e

econômica), incluindo seus usos linguísticos, decidi fazer de nossas aulas um espaço onde, em seus momentos finais, “las palabrotas” pudessem ser empregadas como práticas linguísticas em E/LE:

E, assim, partindo de orientações simples como “criem um contexto, elaborem falas, tragam para a correção e preparem a encenação para o final da aula”, a cada encontro assistimos a cobranças de dívida, acertos de contas e até a um namorado traído indo discutir com seu melhor amigo por causa de sua namorada (e, surpreendentemente, concordando em dividi-la com seu parceiro!).

Desse modo, ao mesmo tempo em que consegui promover para os alunos um contato com a modalidade oral da língua, pude mostrar-lhes questões pragmáticas, como o fato de que certos recursos e usos da língua necessitam de contextos e padrões específicos de comunicação para que possam acontecer, sendo mais adequados a determinadas situações de comunicação do que a outras, e que, de acordo com o contexto e a situação de fala, o sujeito tem uma gama de possibilidades de escolhas de uso, dentro do vocabulário formal e informal da língua.

Logo após as encenações, que, unanimemente, terminavam com as gargalhadas da turma, fazíamos algumas reflexões sobre o que tínhamos acabado de assistir, contextualizando a apresentação com a obra de Gutiérrez, e tentando trabalhar cada uma das vertentes reflexivas que apareciam nesse momento da aula.

É necessário relatar, também, que não consegui fazer com que os alunos utilizassem a língua espanhola em outros momentos além das encenações. Para mim como professor, a aula era bilíngue durante a maior parte do tempo, e somente nos dez ou quinze minutos finais o espanhol “fluía” da boca de alguns alunos. Dessa maneira, nunca experimentamos uma aula totalmente na L2.

Porém, foi notória a mudança de comportamento dos alunos em todas as turmas com relação ao contato com a língua durante as aulas, percebendo assim, que depois desse período de trabalho com as encenações, ainda que muito timidamente, alguns alunos passaram a participar mais das aulas, tirando dúvidas de pronúncia, escrita, etc., e, vez ou outra, arriscavam-se a utilizar a L2 para interagir na sala de aula.

Sim, as vezes surgia uma “palabrota” ou outra, ou até mesmo perguntas sobre como se diziam algumas espécies de xingamentos em espanhol, e não vi problema nenhum em tratar e esclarecer este tipo de dúvida, uma vez que tais elementos também fazem parte da língua e, mais do que isso, estão amplamente

disponíveis no cotidiano do nosso aluno, em materiais on-line e digitais, assim como em sua língua materna.

Desse modo, considerei que seria melhor fazer isso na sala de aula, oferecendo suporte e orientação necessários, em vez de deixar que os alunos descobrissem o valor lexical desses termos, expressões e questões fora do âmbito escolar, e que pudessem usá-los de maneira socialmente inadequada em seu cotidiano.

Tendo em vista que esses alunos que agora encenavam “*charlando*” eram os mesmos que “não sabiam falar” e que “tinham vergonha”, se faz necessário assumir este fato como uma grande conquista, senão o troféu de toda essa trajetória como residente na escola.

2.1 O LUGAR DO TEXTO LITERÁRIO

Como disse anteriormente, antes do início das aulas tivemos uma reunião com a professora preceptora, na qual nos foi explicada toda a proposta do plano de curso elaborado para aquele ano, com a qual, inclusive, à época, concordamos, pois tratava de conteúdos gramaticais, sociais e culturais da língua espanhola que consideramos atender às necessidades das turmas.

Ressalto ainda, que sua elaboração foi feita antes do nosso ingresso na etapa de intervenção do programa e que atendia às orientações da escola, de acordo com suas metas e objetivos ao longo do ano. Sendo a professora preceptora a responsável pelas turmas, não questionei sua proposta, uma vez que ela nos acompanharia nas produções dos planos de aula semanais.

Sendo assim, não tive muitas dificuldades com relação aos temas e conteúdos durante a elaboração das aulas. A professora nos deixava livres para produção dos planos de aula e nos orientava, apresentando sugestões de acordo com cada turma, sempre que julgava necessário, pertinente e de maneira muito prudente, a fim de que estivéssemos sempre confortáveis em relação às nossas aulas. Na maioria das vezes, considerando sua experiência e convívio com as turmas, aderi às suas sugestões para os planejamentos que fiz.

Ainda é importante apontar para o cuidado e atenção da professora em levar o texto literário para a sala de aula, pois de acordo com Mariz (2008) os textos literários aparecem nos manuais, como pretexto para se trabalhar em sala de aula

questões gramaticais da língua. Não foi o caso neste plano de curso, no qual o texto literário estava disposto ao longo de todo um bimestre, específica e unicamente o segundo, o que também não é o ideal, por estar isolado apenas neste período de dois meses.

Mas, uma vez que estavam dispostos no plano de curso quatro textos, dos quais, ainda consegui trabalhar três; e que os alunos demonstraram ânimo em certo momento desse trabalho com os textos literários, estes deixaram de ser mera ferramenta para promoção de debates, reconhecimento de forma e estrutura, e passaram a ser meu laboratório, o qual possibilitou do desenvolvimento do trabalho relatado.

Robledo (2011) ainda comenta a respeito de haver um debate sobre qual o espaço do texto literário na sala de aula, ao mesmo tempo em que pensa sobre suas possibilidades didáticas. Por sua vez, refletindo isso, Costa Júnior diz que

[...] o texto literário não pode ser trabalhado apenas como meio para análise linguística ou como mero reprodutor de estruturas da língua meta, mas como ferramenta que possibilita as mais diversas atividades [...] na sala de aula (COSTA JÚNIOR, 2017, p. 58).

Neste momento, em que recordo esta minha atuação como professor, repenso a respeito de tudo o que poderíamos ter trabalhado mais a fundo da própria literatura, além das formas e características dos gêneros literários como nos foi apresentado; e a maneira como poderíamos ter trabalhado melhor nossa proposta de trabalho para a utilização da modalidade oral da língua espanhola.

Fazer os discentes atuarem cenicamente na sala de aula utilizando o idioma e debater com eles a respeito do que apresentavam era, de certo modo, uma promoção da literatura como “favorecedora de confrontos” (ROBLEDO 2011, p.41), mas isso não passa de um “aperitivo”, tendo em vista tudo o que poderíamos ter “degustado” durante essas aulas, uma vez que “a literatura é um espaço para o indivíduo explorar reflexões sobre si, sobre o outro e sobre a língua trabalhada” (ROBLEDO 2011, p. 41), mas que, devido ao tempo de aula e ao trabalho que deveria seguir o plano de curso proposto, não pude realizar de forma tão profunda nem tão ampla.

Costa Júnior afirma que “trabalhar textos literários na sala de aula é um desafio para o professor, por causa de fatores como a falta de hábito de leitura dos alunos e a carga horária reduzida das aulas de espanhol” (COSTA JUNIOR, 2017, p.

77), e, após vivenciar isso a partir da ótica do professor, percebi o quanto essa realidade se torna ainda mais dura.

Pois, além de tudo o que o autor apresenta, ainda surgem problemas e dificuldades dentro da sala de aula que fazem das aulas de espanhol, por vezes, um simples encontro semanal em que o professor revisa conteúdos aplicados anteriormente, enquanto escuta as queixas dos alunos a respeito dos mais variados assuntos da realidade escolar.

Sendo assim, concordo com o que diz Robledo (2011), quando fala da necessidade de repensar o espaço do texto literário no ensino de uma L2, pois ele se apresenta como muito mais que mero suporte para aulas de gramática, um ponto de partida para a construção de um sujeito crítico e maduro, capaz não somente de interagir, mas também de compreender e interferir no mundo à sua volta.

Logo, se a Literatura deixar de ser mero suporte para as aulas de Gramática e passar a ser objeto de estudo, ou “estopim” para promoção do pensamento crítico do aluno, ela também pode – e deve – ser utilizada para incentivar o aluno a ter um contato mais íntimo com a L2. Pois:

O texto literário [...] é imprescindível. Nele há aspirações humanas perpétuas, e é um dos meios de compreensão de formas culturais diferentes. É destacado ainda outro aspecto que diferencia o texto literário: a sua literariedade, a sua polissemia, isto é, uma possibilidade de múltiplas interpretações” (PINHEIRO-MARIZ, 2008, p. 41).

Por isso, ao notar o interesse dos alunos pela temática marginal, pela linguagem coloquial e a identificação com o contexto em que se passa a obra, tentei canalizar tudo isso para que servisse como motivação, não somente para alcançar o objetivo de fazê-los utilizar a modalidade oral da Língua espanhola, mas também, para despertar neles o interesse pela leitura integral da obra literária e, a partir dela, possibilitar a leitura de outras obras da literatura de países “hispanohablantes”.

2.2 AS ARTES CÊNICAS

A princípio, as artes cênicas estavam apenas na nossa grade curricular, como mencionamos anteriormente, porém, depois de propor que os alunos apresentassem e encenassem alguns diálogos autorais na sala de aula constatamos o que diz Augusto Boal, quando fala que “o teatro é uma forma de comunicação entre os

homens; as formas teatrais [...] respondem sempre às necessidades [...] bem determinadas e a momentos precisos” (BOAL, 1982, p.13)

Assim, ao compreender, conforme Cândido (1989), que literatura e arte são bens comuns, cujo direito deve estar reservado a todos pela sua possibilidade de transformar a vida humana, seriam as artes cênicas, que não somente nos serviriam como suporte para nossas aulas, mas também, através delas, nos aproximaríamos dos nossos alunos, ao mesmo tempo em que os deixaríamos confortáveis o suficiente para interagir com a L2 na sala de aula.

Como contraponto, para contraste dessas nossas aulas, creio ser conveniente relatar que o êxito ao tentar levar as artes cênicas para as aulas, no início, foi verdadeiramente frustrante, tudo o que eu propunha virava piada, e desde aí sua execução se tornava falha.

Lembro-me, agora, de uma aula sobre “Las Profesiones”, cuja proposta era que os alunos apresentassem para a turma a profissão que desejariam seguir após a conclusão do ensino médio, de uma forma cênica, como se fosse “mímica”, para que os colegas tentassem adivinhar que profissão seria. E deveriam fazê-lo em Espanhol. Foi uma verdadeira decepção, os mímicos mais tímidos não conseguiam expressar-se bem, os mais desenvoltos eram relativamente bons demais, e a “brincadeira não rendia”, os engraçados, então, nem os citarei aqui. E além de tudo isso, talvez pela minha falta de experiência, somava-se a tal situação a insistência dos alunos em utilizar a língua materna.

Imagino que, a esta altura das aulas, eu ainda não era visto como professor. Acredito que pela idade, aparência e imaturidade em relação à realidade da sala de aula, não transmitia muita segurança e autoridade. Porém me anima crer que tudo isso foi etapa de um dos rituais sociais que fala Boal:

Um ritual é todo um sistema de ações e reações pré-determinadas. [...]. Para os seres humanos, processam-se segundo ações e reações mais ou menos estabelecidas pelas leis, tradições, hábitos, costumes, etc.... Estas relações pré-determinadas fazem com que os fenômenos sigam caminhos mais ou menos possíveis (Boal 1982, p. 21).

Ainda que essas reações não tenham acontecido exatamente como as imaginei ao preparar os planos de aula, acredito que tenham sido parte desse ritual, como um processo de construção da nossa relação como professore aluno/turma, já que, segundo o autor citado, esses rituais são de extrema importância para que os seres humanos possam se relacionar.

É importante ressaltar que, ao falar desses rituais, Boal propõe que devemos estar atentos para saber lidar com eles, pois, ao mesmo tempo em que são parte importante no processo de construção das relações entre os seres humanos, eles também são responsáveis pela “alienação” do indivíduo, sendo necessário conhecimento e respeito sobre o ritual, da mesma forma que se esteja disposto a desconstruí-lo para construí-lo de novo e, desse modo, evoluir nas (e com as) relações.

Segundo ele, “o comportamento ritualizado é um comportamento morto: o homem não cria, apenas desempenha um papel sem criatividade” (BOAL, 1982, p.22), e nós, como professores, devemos constantemente lutar contra esses rituais sociais, que desde muitos séculos nos perseguem, colocando-nos em monólogos durante as aulas, ao mesmo tempo em que nos desvalorizam como profissionais.

2.3 O QUE EFETIVAMENTE FIZ

Tendo, assim, diante de mim a realidade de todos os professores, mas com uma necessidade e desejo extremos de tentar não ser como aqueles que detestava no meu ensino médio, enquanto buscava ser parecido, ou até melhor que os que admiro, eis o primeiro impasse: como fazer os alunos sentirem-se confortáveis para utilizar a Língua espanhola?

Como já relatei, os alunos apresentaram uma grande resistência em utilizar a L2 na sala de aula, enquanto eu estava altamente influenciado pelas experiências acadêmicas de então, e por isso tinha a esperança de que eles também se sentissem cativados pela disciplina. Porém, até quase a metade do ano, não percebi muito interesse por parte das turmas.

Até que, em dado momento, após a experiência citada, da leitura de um fragmento de um texto literário, pude notar um interesse por parte deles e disfrutei disso para motivá-los a utilizar o espanhol, e assim produzir pequenos textos a serem encenados nos minutos finais das aulas. Sem dúvidas, essa foi a minha maior conquista dentro de todo o período que passei naquela escola.

Porém, agora, após rever e recordar tudo o que vivenciei nas salas de aula, refletir sobre as cenas que vêm à memória, as anotações, as lembranças e a partir delas, pensar o que poderia ter feito para melhorar as aulas, aumentar a interação dos alunos e o seu interesse pela L2, concordo com o que afirma Augusto Boal

(1982), quando afirma que, “para que os transformadores da realidade possam transformá-la, precisam conhecê-la” (BOAL, 1982,p.23).

Acredito que nós, como professores, não somente podemos, como também devemos nos esforçar para ser esse tipo de indivíduos transformadores da realidade; e, para isso, bem mais do que conhecer, se faz necessário refletir sobre a realidade, para que de maneira mais efetiva, consigamos pensar em possibilidades de melhorar nosso trabalho docente e nossa contribuição para a vida dos nossos alunos.

Desse modo, quero ressaltar aqui algumas questões que considero importantes para essa reflexão. Primeiramente, recordo que as turmas foram todas do terceiro ano do ensino médio, logo, não acompanhei todo o processo de interação e desenvolvimento dos alunos com relação à L2, ou seja, desde o período de observação, não consegui ter plena consciência do quanto do comportamento dos discentes era resistência, e quanto poderia ser efetivamente algum tipo de consequência gerada por experiências anteriores.

Além disso, enfrentei bastantes dificuldades durante o período de intervenção, desde mudanças repentinas de horário ou dificuldades para o meu deslocamento até a escola, e até mesmo problemas relacionados à estrutura escolar, como falta de gás e alimentos na cozinha, o que isoladamente não prejudicaria tanto o trabalho, porém, ao somar-se tudo ao longo de toda essa etapa – uma vez que sabemos que eram encontros semanais de apenas uma hora aula de cinquenta minutos –, tem-se uma perda significativa de muito tempo de aula.

4. A LITERATURA E AS ARTES CÊNICAS

Ao refletir sobre o papel da literatura nas aulas de ELE nas três turmas em que atuei durante o programa de Residência Pedagógica, tendo por base algumas ideias de Josilene Pinheiro-Mariz (2008), Beatriz Helena Robledo (2011); José Veranildo Lopes da Costa Júnior (2017) e Antônio Candido (2011) seguidas por reflexões sobre as artes cênicas para o ensino e ELE, baseadas em algumas propostas apresentadas por Augusto Boal (1982) a respeito da expressão cênica e refletindo sobre o que (e como) fiz e como poderia melhorar essa execução hoje, na sala de aula, depois de certo amadurecimento como docente, considerando sempre as experiências positivas e negativas.

Considerando o papel do texto literário nas aulas de língua estrangeira, partindo das reflexões feitas por Pinheiro-Mariz (2008) em relação à mesma temática, quero agora propor que pensemos na literatura, como também, seu ensino e as possibilidades que nos oferecem, uma vez que, geralmente o texto literário aparece nos manuais como um pretexto para que se trabalhe efetivamente questões relacionadas à gramática, tais como léxico e sintaxe (PINHEIRO-MARIZ, 2008)

Levando em conta a importância e a relevância desse texto não somente para o conhecimento da língua, mas também para um aprofundamento do indivíduo na cultura e um desenvolvimento maior do seu pensamento crítico, a autora defende o texto literário não como ferramenta de suporte ou pretexto para as aulas de gramática, mas como uma janela que nos permita o contato com a cultura de onde vem a língua que estamos estudando, ao mesmo tempo em que atua como formador de sujeitos. Da mesma maneira que Robledo afirma que:

La literatura, además de constituir una experiencia artística, puede llegar a ser fuente de experiencias humanas, tan vitales como las provenientes de la realidad, que enriquezcan el universo afectivo, sensible, imaginario, e intelectual de los niños y jóvenes lectores (ROBLEDO 2011, p.13).

Assim, a Literatura se apresenta como promotora e incentivadora do conhecimento e da imersão cultural, além de uma grande ferramenta para o desenvolvimento do pensamento crítico do leitor.

Costa Junior (2017), considerando a globalização do mundo em que vivemos, argumenta que se faz necessário o aprendizado de uma língua estrangeira, não

apenas para atender as necessidades do mercado de trabalho, mas também para que o sujeito possa ascender a novas culturas e possa comunicar-se com o estrangeiro, que está cada vez mais perto.

Desse modo, podemos afirmar que o contato com a literatura promove muito mais que mera contemplação da língua em sua modalidade escrita, uma vez que, além de tudo, promove uma interação cultural do leitor com a realidade do texto literário, e o faz não somente imaginar as situações presentes no livro, como as que inspiraram sua escrita, podendo assim ampliar sua visão a respeito dos meios em que estiver inserido, questionando, defendendo e finalmente se propondo a transformá-los; considerando que a literatura pode ser uma das janelas para o contato do sujeito com a língua espanhola, fazendo que através dela, o leitor aproxime-se da realidade cultural da produção daquele conteúdo, permitindo assim, que a partir desse pequeno contato ele possa aprofundar-se e aos poucos apropriar-se do idioma.

Robledo (2011) propõe que a literatura se converta em um ambiente de interação, não somente para que os leitores possam interagir com o texto, mas também com o mundo a sua volta, promovendo, assim, o crescimento e o desenvolvimento dos indivíduos, sendo uma espécie de “referência” para que eles possam reconhecer-se e identificar-se a partir do impacto causado por essa leitura.

Por tanto, se nós pretendemos que os nossos alunos tenham esse contato vivo e efetivo com a literatura, se desejamos que seja a partir dela que eles vão construir-se individual e socialmente, devemos apresentá-la não somente como objeto de estudo, ou como ponto de partida para aprofundar nossos conhecimentos a respeito de regras gramaticais, por exemplo, mas, sim, como parte de nossa vida cotidiana; não apenas como um fardo pesado a carregar, mas como janela, através da qual podemos contemplar o mundo imaginário que a nós se apresenta, como também o que temos e o que desejamos para o mundo real de onde partimos com a nossa leitura. Pois, como afirma Pinheiro-Mariz, “a literatura é favorecedora de confrontação de ideias e gostos, e por isso é um espaço para o indivíduo explorar reflexões sobre si e sobre o outro” (MARIZ 2008, p.41) e, dessa maneira, refletir também sobre o mundo que o rodeia.

Como relatei desde o início, minha experiência docente com a literatura em sala de aula esteve restrita ao final de um semestre do ano letivo, quando o cansaço recaía sobre todos, especialmente os discentes, que estudavam em período integral

de segunda a sexta-feira, e isso com certeza teve uma influência muito forte no que diz respeito a essa resposta de interação com o texto e à promoção de seu pensamento crítico.

Todavia, não podemos jamais abandonar as possibilidades que nos são dispostas ao pensarmos a literatura na sala de aula, nem deixar de concordar com o que diz Robledo (2011) ao afirmar que:

[...] vivida la literatura de esta manera, se vuelve para los tempranos lectores una fuente de transformación y crecimiento permanente, un espacio de confrontación, diálogo y reflexión entre él, la voz del otro y el libro, voz que no es discurso sino escenas, situaciones, conflictos, vida pura y destilada a través de la palabra escrita (ROBLEDO 2011, p.16).

Ou seja, podemos dizer que, uma vez que acontece a interação do leitor com o texto literário, promove-se uma mudança na percepção do primeiro, fazendo com que todo e qualquer contato com textos a partir dali seja diferente e, então esse sujeito provavelmente estará mais crítico e possivelmente mais aberto à discussão e à reflexão a partir de suas leituras.

Logo, mesmo que eu não tenha trabalhado tão a fundo a reflexão crítica a partir da leitura das obras literárias, o contato e as breves discussões que promovi, ainda que não instantaneamente, imprimiram algum impacto na vida estudantil e/ou pessoal do alunado. Pois, como observa Candido (1989, p.178), “a Literatura não é uma experiência inofensiva”, ela ressoa na vida cotidiana do leitor, promovendo não somente viagens às infinitas possibilidades da realidade e do pensamento, mas também serve de “estopim” para sua criticidade, assim servindo como princípio para a alteração de sua realidade.

Uma vez que “o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO 1989, p.179), a literatura não é um simples objeto de estudo ou de observação, ela se torna uma experiência de vida capaz de transformar o indivíduo e sua percepção do mundo à sua volta.

Cabe, pois, ao professor, como propõe Costa Júnior (2017), trabalhar com a literatura na sala de aula de forma contextualizada e considerando, sobretudo, as funções e o deleite que o texto literário proporciona ao seu leitor. Dessa forma, o texto literário deve aparecer nas aulas não apenas como princípio motivador das

atividades, mas também como a própria atividade, a partir da qual podem e devem surgir diversas interpretações, usos e possibilidades.

Porém, como afirma Pinheiro-Mariz (2008), apesar de parecer óbvia e de ser indissolúvel a associação do texto literário com a língua trabalhada na sala de aula, ela não acontece de forma evidente, sendo esse o motivo pelo qual ainda hoje se debate o papel da literatura nas aulas de língua pelos especialistas no assunto.

Ainda de acordo com a autora, “apesar de todo o debate que reúne a língua, literatura e didática do ensino de língua e literatura, a abordagem desse tema tem sido feita de forma comedida” (PINHEIRO-MARIZ 2008, p.78). Dessa forma, como professores que somos, não basta apenas criticar esse comedimento, mas refletir sobre o que o promove nas nossas aulas.

Para tanto, reconheçamos a dificuldade de manter a ordem nas salas de aula, o tempo perdido em organizar e acalmar nossos alunos, assim como o tempo que deve ser investido para a explicação da nossa proposta de trabalho para aquele tema, naquela aula e etc. Assim, as aulas de 45 ou 50 minutos passam a ter pouco mais da metade desse tempo, ou menos até. Logo, promover debates e direcionar reflexões se torna algo quase impossível ou inalcançável ao professor de Língua estrangeira, que, além de um texto, apresenta um idioma, uma cultura, um contexto histórico, um autor, e que, na maioria das vezes, não tem um aluno leitor.

Isso me leva a pensar como Antônio Candido e a dizer que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis” (CANDIDO, 1989, p. 193), o que me obriga a me questionar sobre o porquê de não termos ainda alunos que sejam leitores e, antes de tudo, aulas de língua em que se tenha tempo hábil para trabalhar melhor o que essa língua apresenta, nas suas diversas possibilidades de abordagem e tratamento.

Minha proposta não é discutir a esse respeito, mas considerar que esta seja uma questão importante para pensar o papel da literatura e do professor de Língua, nesse caso não só o de Língua estrangeira, mas também os professores de Língua materna.

Uma vez que desejamos ter na sala de aula alunos que também sejam leitores, é conveniente pensar o que, e até onde, estamos fazendo para que isso aconteça com a naturalidade que queremos. Robledo propõe que:

Antes de preguntarnos por los receptores o destinatarios de las obras, es importante garantizar a la literatura (...) su condición de literatura, lo que de inmediato la convierte en una obra artística. Como manifestación del arte apela a la imaginación, a la sensibilidad y a los sentimientos del lector y se sitúa en el universo de lo posible. es el mundo de lo imaginable posible creado a través del lenguaje oral o escrito. Tiene por tanto una función estética que intenta transformar, a través del lenguaje simbólico, la mirada del lector sobre la realidad.” (ROBLEDO 2011, p. 55)

Dessa maneira, retomo minha proposta de reflexão a respeito de como estamos vendo e tratando o texto literário nas nossas aulas. Ao mesmo tempo em que aponto para uma solução aparentemente simples, que é a nossa necessidade de compreendermos o texto literário como expressão de arte e tratá-lo como tal, e que a partir dele podemos trabalhar e desenvolver a percepção crítica do nosso aluno sobre o mundo a sua volta.

Assim, de acordo com Robledo (2011), ao compreender o texto como expressão artística, devemos também levar em consideração o que a arte exige e provoca em nós, nos nossos sentidos e como interfere na forma de percebermos o mundo.

Para isso, Boal (1991, p.41) propõe que “a arte seria então, uma cópia da natureza”, sendo também uma cópia das coisas criadas, recriando, em si e a partir de si mesma, o princípio criador das coisas, propondo-se a corrigir as falhas da natureza, utilizando as próprias sugestões apresentadas por ela. Dessa forma o autor entende que

A natureza tem certos fins em vista; quando fracassa e não consegue seus objetivos, intervêm a arte e a ciência. O homem, como parte da natureza, tem certos fins em vista (...). Quando falha na consecução desses objetivos, intervêm a arte (BOAL 1991, p.41)

Ou seja, a natureza apresenta em si uma força criadora e destruidora de tudo, e sendo o homem parte dela, ele também possui em si a mesma capacidade, e deve exercê-la de modo que não apenas interaja, mas também se disponha a alterá-la, sendo este o momento em que se utiliza da arte para expressar-se e provocar as demais criaturas da natureza a compreendê-lo e ajudá-lo nas mudanças necessárias nesse meio.

Deste modo, compreendemos que a arte não somente se inspira, ela se dispõe a alterar a natureza a sua volta, e assim podemos afirmar que o texto literário, sendo uma expressão de arte, se encaixa na mesma proposta, sendo capaz de promover as reflexões necessárias para que se iniciem as alterações e

interações apresentadas em si. Assim, o leitor, uma vez que vive e experimenta a literatura como trago neste trabalho, não é mais o mesmo indivíduo e, dessa forma, não percebe, nem interage com o mundo da mesma maneira que antes. E nós, como professores, ao promover este contato, promovemos também essa (des/re)construção do indivíduo a partir de sua experiência com a obra literária na sala de aula.

Sendo a obra literária uma expressão de arte, unida às artes cênicas e à força criadora do sujeito, podemos através disso formar o nosso aluno para ser um sujeito desinibido o suficiente para lidar com seus sentimentos e emoções durante a aula e assim auxiliá-lo na aprendizagem de uma L2 ao mesmo tempo em que podemos ampliar suas dimensões de conhecimento:

Cada texto ofrece una experiencia de vida, una experiencia profundamente humana que le permite (...) no sólo divertirse sino también reconocerse, relacionarse con otros seres imaginarios, sentirse parte de un mundo que es ancho, diverso, oscuro a veces, pero que tiene siempre múltiples posibilidades de ser (ROBLEDO 2011, p. 73).

O texto literário, vivido como experiência, pode ser, assim como a expressão artística é para Boal (1982), um princípio a partir do qual o indivíduo passa a perceber-se em meio ao mundo que o cerca, a partir do mundo que imagina durante a leitura, ao mesmo tempo em que percebe que é ele o responsável por esse mundo e por modificar a própria realidade diante das múltiplas possibilidades que ele apresenta, podendo transferir essa compreensão para o mundo que o rodeia.

Podemos assim concluir, que de acordo com as propostas de pensamento dos autores, a literatura e as artes (nesse caso as artes cênicas) são bem mais que mero objeto de estudo ou entretenimento, sendo, então, experiências que, ao serem vividas, modificam os indivíduos com os quais interagem, ampliando sua capacidade de imaginar, e sua percepção do mundo em que vivem, ao mesmo tempo em que os provoca a refletir sobre ele e, até mesmo, dispor-se a alterá-lo para que se torne mais tolerável diante dos anseios e expectativas criados pela sua imaginação, a partir de uma reflexão crítica.

Reforço meu argumento recorrendo a uma afirmação de Antônio Candido (1989) sobre a literatura, na qual diz que

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva,

primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo (CANDIDO 1989, p. 179).

Dessa forma, a literatura não é mero objeto de deleite, mas um meio através do qual se pode formar o sujeito, de forma inicialmente individual, e depois de forma universal ou comunitária, uma vez que parte de si mesmo para o mundo que o cerca, retomando assim Costa Júnior (2017), ao afirmar que é neste horizonte de possibilidades que acredito na potencialidade do texto literário para o ensino da L2.

Robledo (2011) recomenda que permitamos aos nossos alunos vivenciar a experiência literária de forma lúdica, inicialmente como uma brincadeira, a partir da qual o nosso leitor vai se familiarizar com o texto, promovendo uma maior intimidade a partir da qual terá contato com um universo de possibilidades de compreensão e aprendizado.

A autora ainda sugere que não coloquemos obstáculos nessa relação dos nossos alunos com o texto literário, mas, ao contrário, façamos que essa experiência seja efetivamente prazerosa, sem exigências de avaliação ou a necessidade de reconhecimento das habilidades do aluno como leitor *a priori*, simplesmente permitindo que ele viva a sua experiência com o texto literário: Segundo ela,

Quando les permitimos (...) leer para sí mismos, cuando abrimos espacios para la lectura silenciosa y personal, les estamos asegurando un espacio para que realmente les pertenezca a ellos, donde puedan entrar y salir, con la misma libertad que ellos paran el juego (...) Y regresan, abren la puerta del imaginario y se ponen a jugar (ROBLEDO 2011, p.75)

Dessa maneira, o contato do leitor com o texto literário já garante que ele viva a experiência proposta pela autora e que acredito ser vital para uma boa relação do aluno com o texto e as obras literárias na sala de aula. A partir de então, veremos o aquilo que apresenta Candido (1989) quando afirma que:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e as que nascem dos movimentos de negação do estado de coisa predominante (CANDIDO 1989, P. 177)

Assim, o autor reforça a ideia de que a partir do contato com o texto literário, formamos (ao mesmo tempo em que provocamos) o pensamento crítico e a força criadora presente em cada indivíduo, não somente para perceber, interagir e alterar o mundo a sua volta, como também para incitá-lo a expressar-se em nossas aulas, para expor suas impressões a respeito do texto, ou até mesmo para apresentar seu

posicionamento diante de determinado assunto trabalhado na sala de aula, de modo geral.

E é nesse contexto que Boal (1982) apresenta o teatro da mesma forma que Candido (1989) apresenta a literatura, afirmando que:

O teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do momento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade, é ao espectador que cabe modificá-la (BOAL 1982, p. 22).

Sendo essa a minha crença, proponho que pensemos no teatro, ou na expressão cênica durante as aulas, como uma possibilidade de trabalhar diversos temas, entre eles a literatura e o uso da L2 com nossos discentes, para que através disso expressem suas opiniões e sentimentos na sala de aula, uma vez que o autor ainda diz que “toda ideia por mais abstrata que seja, pode ser teatral, sempre que se apresente na sua forma concreta, em circunstâncias específicas, em termos de vontade” (BOAL, 1982, p.51).

Assim, as expressões cênicas dos nossos alunos nada mais seriam que a externalização de sua compreensão do tema trabalhado na sala, apresentado na obra literária trabalhada, ou ainda uma relativa comparação dos seus anseios com a realidade em que está inserido, cabendo a nós, como seus professores, mediar, orientar e conduzir esse trabalho para que, ao mesmo tempo em que esse momento seja fluido como uma brincadeira, seja proveitoso para a formação acadêmica, social e individual do aluno.

Pinheiro-Mariz (2008) fala das semelhanças entre a literatura e a língua estrangeira, em algumas ocasiões, em que a polissemia de compreensões e interpretações pode acabar por confundir o aluno, fazendo com que ela deixe de agir como ferramenta para o ensino e acabe por dificultá-lo nesses momentos do seu letramento. Porém Robledo (2011) considera a literatura uma influência primordial no emocional e na criatividade do leitor, através de seu contato com a experiência literária vivida de maneira natural em sala de aula pelos alunos, de modo que a incompreensão pode ser uma parte importante dessa experiência, também.

Logo, podemos concluir que, embora difícil, o ensino de literatura se faz essencial em nossas escolas para a formação de indivíduos socialmente críticos e reflexivos, capazes de interagir, questionar e intervir na realidade do mundo em que estão inseridos. Vemos ainda a importância e a necessidade de se difundir e/ou

popularizar o ensino e a leitura de literatura nas aulas, não como pretexto para trabalhar temas simplesmente gramaticais, mas como atividade, uma vez que a literatura é vasta em si e se amplia ainda mais quando encontra seu leitor.

Boal, ao trazer a experiência teatral como uma possibilidade de trabalhar e desinibir as habilidades emocionais, afetivas e cognitivas do ator, leva-nos a pensar sua viabilidade nas aulas. Desse modo, podemos propor que sejam essas artes, também, uma ferramenta de apoio para o nosso trabalho com a literatura, ao mesmo tempo em que possam ser utilizadas como suporte para que, através de seu desenvolvimento, se trabalhem outras modalidades da língua, desde a escrita dos roteiros e das falas até oralidade nas encenações.

Antonio Candido (1989) afirma que a literatura é parte do indivíduo, sendo impossível ao ser humano viver e possuir qualidade de vida sem que tenha contato com nenhum meio de fabulação, através do qual possa viajar entre a realidade que vive e a que imagina, e a partir disso interagir com o mundo a sua volta sendo capaz de compreendê-lo e, se julgar necessário, alterá-lo.

Dessa forma, podemos considerar a importância da presença do texto literário no âmbito escolar, não como parte das aulas de gramática; como simples objeto de estudo ou contemplação, mas como uma ferramenta através da qual se possam promover experiências formadoras para a construção dos nossos alunos como indivíduos, como propõe Robledo (2011) em seu trabalho.

Assim, acredito que o texto literário não deve estar disposto no que se pode compreender como o “final” dos planos de curso, mas em todo o seu corpo, proporcionando ao aluno as experiências citadas pelos autores mencionados nesse trabalho, ao mesmo tempo em que traz para o professor inúmeras possibilidades para melhorar e/ou aprimorar sua dinâmica docente e sua didática na sala de aula.

Considero ainda, a partir das reflexões feitas por Robledo (2011) e Costa Junior (2017), que o lugar do texto literário nas aulas deve ser repensado, deixando de agir como mero pretexto para as aulas de gramática e assumindo o papel de objeto de estudo, ao mesmo tempo em que, sempre que possível, assumo papel de protagonista nos trabalhos propostos pelo professor, e que seja ele também, experimentado pelos alunos como ponto de partida ou de aprofundamento no uso da língua e no desenvolvimento de seu domínio.

Dessa maneira, ao somar as artes Cênicas à literatura nas aulas de ELE, poderemos torná-las mais interessantes e proveitosas para o discente, e mais

dinâmica ao docente, se não facilitando, ao menos colaborando para a construção de um indivíduo mais desinibido, crítico e, por conseguinte, mais autônomo no uso da L2, de modo a desenvolver e melhorar suas habilidades de produção, criatividade e domínio das diversas modalidades da língua.

5. POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Acredito que devemos, antes de mais nada, refletir sobre o fato de que esse último tópico não vem a ser de fato uma conclusão, e sim o fechamento de um pensamento formado a partir de uma experiência e de uma reflexão como docente, trazendo, assim, não uma proposta lapidada ou uma fórmula perfeita para o ensino de língua através da literatura e das artes cênicas, mas um relato de como consegui fazer que os alunos utilizassem a modalidade oral da língua.

Nesse sentido, recuperar aqui alguns pontos desse experimento tem por objetivo primordial a valorização da experiência docente durante a graduação, para a formação do aluno/professor, ao mesmo tempo em que apresenta um caso bem sucedido, a partir do qual desejo instigar professores e alunos de graduação nos cursos de licenciatura, especialmente voltados às disciplinas de Letras, para que reflitam sobre seu fazer docente, ao mesmo tempo em que os anime e motive a aprimorar o trabalho aqui apresentado e proposto, através do qual não somente ensinamos literatura, mas também formamos um cidadão crítico, enquanto desenvolvemos suas habilidades na L2 que busca aprender.

Assim, após todas as discussões realizadas ao longo deste trabalho, acerca da proposta que apresentei, retomando a ideia de que é necessário que se perceba o lugar e se reconheça a importância do texto literário nas aulas e para a formação do aluno, da mesma forma que proponho as artes cênicas como meio através do qual se possa trabalhar e desenvolver de maneira mais evidente a habilidade oral dos discentes, sabendo que, através dessas experiências, estamos formando, além de um indivíduo dominante da Língua espanhola, um cidadão capaz de reconhecer, refletir interagir e interferir na realidade em que está inserido.

Por fim, cito Boal, ao dizer que "para que os transformadores da realidade possam transformá-la, precisam conhecê-la" (BOAL 1982, p.23), e acrescento: para que sejamos capazes de transformar a realidade, necessitamos, antes de todo o conhecimento, estar dispostos a aprender com tudo e em tudo o que a realidade dos desafios da sala de aula nos apresenta, buscando compreender nosso papel de formadores enquanto buscamos nosso jeito de ser professores e profissionais da educação.

Aceitos os desafios, e compreendido que é a jornada que nos moldará professores, finalizo este trabalho, convidando o meu leitor a experimentar a literatura, como fizemos, e a usar de breves cenas para incentivar seus alunos, ou a si mesmos a expressar-se e assim. Não proponho que necessariamente se inove, mas que se torne para si e para quem o rodeia, uma complexa e completa experiência a ser vivida, conhecida e aprofundada e, desse modo, possa transformar o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para ator e não-ator com vontade de dizer algo através do Teatro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/366922866/LIVRO-200-EXERCICIOS-E-JOGOS-PARA-O-ATOR-E-NAO-ATOR-AUGUSTO-BOAL-pdf>. Acesso em: 20/08/2022

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e Literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp/ Ed. Brasiliense, 1989.

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da. **Lembrar para não esquecer: Memória, história e ficção em aula de língua espanhola**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. **O texto literário em aula de francês língua estrangeira (FLE)** orientadora Tokiko Ishihara. -- São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-05052008-114942/pt-br.php>. Acesso em: 16/02/2022

ROBLEDO, Beatriz. **La literatura como espacio de comunicación y convivencia**. 1a ed. Buenos Aires: Lugar editorial, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A – PLANO DE AULA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA– ELETIVA 2019.1

ÁREA DE CONHECIMENTO		
Linguagens, Códigos e suas tecnologias		
COMPONENTE CURRICULAR	RESIDENTES	SÉRIE/ANO
LÍNGUA ESPANHOLA	XXXXXXXXXXXXX E SAMUEL	3º A, C e D DATA: 08/05/2019

OBJETIVOS
Trabalhar literatura, com os textos <i>Don Quixote</i> e <i>Trilogía Sucia de la Habana</i> , com a utilização imagens, música e textos.

CONTEÚDOS

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Vocabulário; interpretação e reflexão sobre o texto

RECURSOS DIDÁTICOS

Slides, TV, caixa de Som e atividade escrita.

ATIVIDADE MOTIVACIONAL

- Conversa acerca do conhecimento adquirido após a apresentação do conteúdo, fazendo com que os alunos tenham conhecimento histórico e cultural, tanto das literaturas quanto dos autores.

- Atividades de pesquisas dos conteúdos apresentados.

1º momento – Conhecer os autores, apresentação das obras e contextos históricos.

2º momento – Apresentação do capítulo 6 – Lutando contra os moinhos de ventos.

3º momento – Leitura compartilhada do episódio 12, “Liberdade aos prisioneiros”, e da letra da música Dom Quixote de Maria Rita e dos Engenheiros do Hawaii e relacioná-las à obra de Miguel de Cervantes fazendo questionamentos como:

Dom Quixote: cavaleiro de outros tempos?

Quem é Quixote hoje? Onde ele está?

Na sua opinião, o que significa ou representa Quixote?

Quem antes e hoje representa os prisioneiros desse episódio?

4º momento – Atividades de pesquisas e apresentação para os colegas.

--

--

TEMPO ESTIMADO
4 aulas (Cada turma)

AVALIAÇÃO
Participação efetiva dos alunos nas atividades propostas.

OBSERVAÇÕES DO PROFESSOR

APÊNDICE B – PLANO DE CURSO

PLANO DE CURSO – ANO LETIVO – 2019

COMPONENTE CURRICULAR:	Língua Espanhola
ANO/SÉRIE:	3ª série
CARGA HORÁRIA:	40 horas/aula
DOCENTE:	Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
PERFIL DO DOCENTE:	Licenciada em Letras com habilitação em Língua Espanhola pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) - Campus VI - Monteiro-PB, pós-graduada em "Metodologias do Ensino da Língua Espanhola e Língua Inglesa pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante). Fiz diversos cursos relacionados à minha área de atuação.

EMENTA

Género: Viñeta; Artículo neutro LO; Obras literarias; Advérbios; Profisiones; Verbos en el presente Del subjuntivo; Filme: O labirinto do fauno; Guerra Civil Espanhola; Educação não sexista;

OBJETIVO GERAL

Direcionar os alunos à obtenção de habilidades na escrita, leitura e interpretação de textos na Língua Espanhola e o desenvolvimento de estruturas gramaticais e fonológicas que são necessárias para uma boa expressão de um idioma estrangeiro;

Conteúdos/Objetos do Conhecimento

Conteúdo: I Bimestre

Tecnologías: A usarlas conscientemente

- Género: Viñeta;
- Artículo neutro LO;

Competências BNCC	1. Conhecimento; 3. Repertório Cultural; 4. Comunicação
<p>Conteúdo: II Bimestre</p> <p>Literatura Hispánica</p> <ul style="list-style-type: none"> · Don Quijote; · Trilogía Suja de Havana; · La Virgen de los sicários; · Cien años de Soledad; 	
Competências da BNCC	1. Conhecimento; 3. Repertório Cultural; 4. Comunicação
<p>Conteúdo: III Bimestre</p> <p>Mercado Laboral: En contra de los prejuicios</p> <ul style="list-style-type: none"> · Adverbios; · Género: Canción · Profesiones; · Verbos en el presente Del subjuntivo 	
Competências da BNCC	1. Comunicação 3. Repertório Cultural; 4. Comunicação; 9. Empatia e cooperação.

Conteúdo: IV Bimestre**Educación Contra el Sexismo: Que se acabe la violência**

- Educación no sexista;
- Filme: O labirinto do fauno;
- Guerra Civil Espanhola;

Competências da BNCC**1. Conhecimento; 3. Repertório Cultural; 4. Comunicação****METODOLOGIA DE ENSINO**

- Leituras individuais e coletivas;
- Exercícios orais e escritos;
- Produção de pequenos diálogos;
- Seminários;
- Pesquisas.

CRONOGRAMA

I BIMESTRE: 10/02 a 24/04 (50 dias letivos)
II BIMESTRE: 27/04 a 24/07 (53 dias letivos)
III BIMESTRE: 27/07 a 02/10 (50 dias letivos)
IV BIMESTRE: 05/10 a 18/12 (48 dias letivos)

AVALIAÇÃO

Para efeito da avaliação, serão observados:

- Exercícios orais e escritos em sala de aula;
- Trabalhos escritos de análise e produção;
- Seminários e pesquisas;
- Provas escritas;
- Participação nas atividades, pontualidade e assiduidade.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA OS PROFESSORES

Aguaded Ignacio, Contín Silvia (Comp.). *Jóvenes, aulas y medios de comunicación. Propuestas y prácticas mediáticas para el aula*. Bs. As. Ciccus, La Crujía, 2002.(En CPIE)

COUTO, Ana Luiza; COIMBRA, Ludmila; CHAVES, Luíza Santana. *Cercanía Joven*. 2ª Ed. São Paulo. SM. 2016.

DI TULLIO, Ángela. *Manual de gramática del español*. Buenos Aires: La isla de la luna. 2006.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA OS ESTUDANTES

COUTO, Ana Luiza; COIMBRA, Ludmila; CHAVES, Luíza Santana. *Cercanía Joven*. 2ª Ed. São Paulo. SM. 2016.

<http://soespanhol.com.br/conteudo/indice.php>

<https://www.bomespanhol.com.br/gramatica>